

## Uma revisitação de tempos idos

Gonçalo Vilas-Boas

Irei falar aqui da minha experiência a partir de dezembro de 1975, ano em que iniciei o meu trabalho docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, correspondendo a uma sugestão do Professor Carlos Azevedo, que tinha sido meu colega como estudante de Germânicas em Coimbra.

O curso de Filologia Germânica, que englobava no início os Estudos Alemães e Ingleses, funcionava na altura na Rua das Taipas, num edifício muito interessante, mas com más condições para tantos alunos e tantas cadeiras. As reuniões no rés-do-chão juntavam os professores de inglês e de alemão, com a direção inicial do Dr. Armando de Moraes. Eram os anos pós 25 de Abril e a vontade de intervenção era forte, o que proporcionava longas e interessantes discussões. Um pouco mais tarde, chegou a colega Margarida Losa, que com ideias inovadoras, fruto da sua experiência nos EUA, representava uma lufada de ar fresco naquelas reuniões.

Na Germanística, destacavam-se as vozes do António Franco e do Udo Kötzle, mas também a da leitora Maria Antónia Gaspar Teixeira, e dos leitores Gunther Hammermüller, Ruth Mattiaschick, e de Roza Huylebrouck na área do alemão, depois o Michael Scotti-Rosin, a que se seguiram muitos e muitas outros e outras, enviados pelo DAAD. A literatura estava entregue a assistentes, como a Maria Marques e eu próprio, e, durante algum tempo, o José Manuel Coutinho.

Primeiro deslocava-me ao edifício das Taipas de bicicleta, daquelas de roda pequena, mas rapidamente mudei para uma motocicleta Casal Boss, azul, na qual levei algumas vezes a colega Ana Maria Brito, contratada como linguista para dar aulas nas Taipas a partir de 1976. Mais tarde até me casei com ela! Havia reuniões dos diferentes grupos no edifício que foi das Biomédicas, conhecido pelo odor da cavalaria da GNR! O Conselho Diretivo também se reunia lá regularmente. O diretor da Faculdade de então era o Professor Óscar Lopes, como os mais antigos se recordarão.

As condições de trabalho eram deficientes, com poucas salas de aulas e sem gabinetes para os docentes. Além disso, havia umas escadas a exigir algum esforço matinal: tinha aulas no quarto andar. Quase que não havia apoio bibliográfico na nossa área! Mas havia um bom ambiente de trabalho e havia alunos com boas motivações. Discussões claro que as havia, uma vez que estavam em confronto diferentes concepções de ensino. De um início mais, digamos, revolucionário quanto aos temas e aos autores escolhidos, o ensino da literatura ia-se aproximando do cânone, ou melhor, dos cânones, dando-se cada vez mais atenção aos textos nos respetivos contextos.

Como é sabido, não tardou que a Faculdade de Letras no seu conjunto transitasse para o edifício recém-construído na Rua do Campo Alegre. As condições melhoraram substancialmente, mas revelavam-se longe do ideal. O edifício continuava a ser pequeno para abarcar tantos estudantes, mas já havia bar e uma biblioteca, para além de dois anfiteatros, e até gabinetes para os docentes, coisa inexistente nas Taipas. Nos primeiros tempos, os docentes ainda eram pagos em dinheiro – a Dona Adosinda dava-nos um envelope com as notas e moedas, isso das transferências veio depois.

Os Estudos Ingleses e os Estudos Alemães separaram-se e cada área tinha uma sala própria. A Biblioteca dos Estudos Alemães já como Departamento próprio recebia livros pedidos à Gulbenkian, mas também oferecidos pelo DAAD, pela Embaixada da Áustria e pela Pro Helvetia.

Novos colegas foram contratados, como por exemplo, os colegas John Greenfield, a Teresa Oliveira e o Américo Monteiro e também a Zaida Rocha Ferreira, todos assistentes, assistentes convidados ou leitores. Também se contou com a colaboração do Dr. Hans-Dieter Hüsgen. A orientação científica era assegurada primeiro pelo Professor Doutor Olívio Caeiro, da Universidade de Lisboa, que orientou a minha tese de doutoramento sobre Wolfgang Koeppen, e depois pela Professora Doutora Maria Manuela Delille, da Universidade de Coimbra, de quem alguns de nós tínhamos sido alunos. A Professora Delille viria a orientar várias teses de doutoramento, como as de Teresa Oliveira, Américo Monteiro, Maria Antónia Teixeira e Ana Isabel Boura. Essa orientação continuou até que os docentes da casa fossem terminando os seus doutoramentos.

Organizou-se o primeiro grande congresso do Departamento, “Kafka. Perspectivas e Leituras do Universo Kafkiano”, cujas atas foram publicadas na editora lisboeta dos germanistas, a ‘apáginastantas’, em 1984. Continuou a colaboração com a Universidade

de Essen, na RFA, através do Professor Jochen Vogt, que tinha tido início nas Taipas em 1977, e de alguns dos seus colaboradores, como o Hannes Krauss, a que se juntou o Professor Hugh Ridley, da UCD, de Dublin. A colaboração com a Embaixada da Áustria também deu os seus frutos, permitindo convites a escritores, Professores e leitores, para além da doação de livros. Entre muitas outras áreas da literatura de expressão alemã, sobretudo a partir do século XVIII, começou a facultar-se a Literatura Alemã Medieval, com o Professor John Greenfield. O DAAD continuou o seu apoio regular, enviando leitores, livros e também possibilitando o visionamento de filmes. O ensino do alemão esteve a cargo de vários leitores alemães como a Anette Kind, o Thomas Riepenhausen, a Susanne Munz, a Renate Biesel, o Thomas Brysch, o Ulrich Kamien; austríacos, como a Ilse e a Heidrun, e a suíça Simone auf der Maur, que tinha sido estudante Erasmus na nossa Faculdade. E foram-se abrindo áreas como a tradução, a didática, a linguística, contando-se com a colaboração de novos docentes, como o Thomas Hüsgen, a Isabel Galhano e a Joana Guimarães.

Note-se, a este respeito, a estreita ligação com o Goethe Institut, tendo inicialmente como diretor o saudoso Adolf Himmel. O Goethe colaborou connosco em inúmeras atividades, desde o apoio a eventos até convites a escritores. Vários escritores helvéticos vieram também fazer leituras das suas obras, com o apoio da Embaixada da Suíça e da Pro Helvetia.

Entretanto as condições de trabalho melhoraram, com a diminuição do número de estudantes. Um aspeto que sempre caracterizou a nossa Faculdade foi a abertura a línguas não curriculares. Destaque-se o ensino da língua russa, do Neerlandês com a leitora Roza Huylebrouck e do Sueco, a que se seguiram outras línguas. Um outro fator muito positivo foi a introdução do Programa Erasmus, inicialmente através do trabalho de vários docentes, depois institucionalizado. Muitos alunos nossos foram estudar sobretudo na Alemanha, e recebemos também alunos de várias universidades europeias.

E mais uma vez fizemos as malas, desta feita para o edifício em que nos encontramos, com as qualidades e os defeitos que todos conhecemos, mas que representou uma grande melhoria. E com os assistentes todos doutorados, e também alguns ex-leitores, inseridos em diversos centros de I&D da FLUP, a qualidade do ensino e da investigação melhorou significativamente, o que se vê no volume de publicações, de congressos e de eventos em que participaram ou organizaram.